



# TEXTO PARA DISCUSSÃO

ISSN 0103-9466

446

**Crianças e idosos nas novas configurações familiares**

**Waldir Quadros**

**Abril 2023**



UNICAMP

**ie** Instituto de  
economia





## 1. A queda da natalidade

A contínua redução da natalidade, com a notável queda da proporção de crianças de 0 a 4 anos, é ainda mais expressiva quando consideramos a forte redução da mortalidade infantil, trazida pelo exemplar programa público de vacinação e o uso dos soros caseiros, que protegem da desidratação até a ida aos postos de saúde.

Em 1981 esse segmento representava 13,4% da população (15,8 milhões de crianças), caindo para 6,9% em 2021 (14,7 milhões).

A principal causa dessa evolução é o avanço da mulher no mercado de trabalho. Buscam independência financeira e melhoria das condições de vida pessoais e da família, em que, ao menos nas camadas populares, frequentemente são importantes ou únicas responsáveis.

As mulheres que têm filho o estão fazendo quando mais novas, ocorrendo um contínuo “rejuvenescimento da fecundidade”, que avança nas faixas de 15 a 19 anos e de 20 a 24 anos<sup>3</sup>. Ao mesmo tempo, com a profissionalização, um número crescente de mulheres adia o casamento e a maternidade, resultando em redução do número de filhos e avanço dos casais sem filhos.

Filhos requerem cuidados permanentes, sobrecarregando o tempo livre do trabalho profissional e implicando maiores gastos familiares.

### A estratificação social das crianças

Preliminarmente, alguns rápidos esclarecimentos sobre a metodologia que adotamos para a estratificação.

Ela se baseia na renda *declarada* nos inquéritos domiciliares. Ou seja, nos domicílios sorteados pelo IBGE, um membro adulto da família responde ao questionário. O aspecto da declaração é bastante relevante nas variáveis de cor/raça, mas é fundamental em relação à renda. É amplamente constatado pelos recenseadores a sub declaração nas camadas superiores. Por isso é que os ricos não estão representados na tabela.

Entretanto, se a renda declarada não traduz corretamente a gravidade da concentração da renda, ela serve para a estratificação social. Isso porque, independente da sub declaração, é possível classificar os declarantes.

Em nossa metodologia trabalhamos com a ideia da rede de pesca, em que as malhas servem para selecionar o tamanho dos peixes desejados. Para os maiores, malhas mais largas, para os menores, mais estreitas.

Aqui, o tamanho das malhas compõe as “faixas de corte” e são dimensionadas a partir de “ocupações típicas”. Em poucas palavras, as faixas de corte das camadas superiores foram fixadas de forma a capturar as ocupações que teoricamente<sup>4</sup> sabemos que pertencem a elas no Brasil, independente de seus rendimentos. Por exemplo, na alta classe média os pequenos e médios empresários, diretores e profissionais de nível superior. Na média classe média, os gerentes,

---

(3) Cf. Berquó (2012).

(4) A partir de Mills (1969).

supervisores e técnicos especializados. Na baixa classe média, as professoras do nível fundamental, auxiliares de enfermagem e auxiliares de escritórios.

A camada dos miseráveis foi classificada como aquela que declarava rendimentos que chegavam até o salário mínimo no momento em que as faixas de corte foram fixadas (Jan./2004). E depois, ela e todas as demais faixas de corte são atualizadas com base na inflação medida pelo INPC.

Finalizando, a camada da “massa trabalhadora” pobre é aquela que fica entre os miseráveis e a baixa classe média.

Cabe notar que, como o salário mínimo foi reajustado acima da inflação, a faixa de corte dos miseráveis (corrigida pela inflação) ficou abaixo do valor do salário mínimo. Ou seja, quem recebeu um salário mínimo a partir de 2005 passou a integrar a camada da massa trabalhadora.

Merece registro que nossa metodologia considera, além dos indivíduos, também a agregação das famílias domiciliares, ou seja, que habitam o mesmo domicílio. A classificação das famílias é realizada com base na posição social do seu membro melhor remunerado.

É importante chamar atenção para o fato de que aqui não entra o crédito e nem o consumo, apenas a renda declarada nos inquéritos domiciliares oficiais. Em várias outras metodologias adotadas por institutos de pesquisa mercadológica ou de opinião, aplicadas em entrevistas a amostras aleatórias da população, o padrão de consumo de um indivíduo ou família é o que determina sua estratificação social.

A Tabela 2 apresenta a estratificação **social** das crianças em 2021. Ou seja, das famílias em que elas se encontram.

Tabela 2  
Estratificação social das crianças de 0 a 4 anos de idade – 2021  
Brasil

Estrato social das famílias	Nº (mil)	%
Superior	1.039	7,1
Médio	1.682	11,5
Baixo	5.776	39,4
Inferior	3.712	25,3
Ínfimo	2.448	16,7
Total	14.657	100,0

Fonte: IBGE, PNAD Contínua Anual.

Como antecipamos na introdução, os cuidados com as crianças são problematizados nas novas configurações familiares, que avançam bastante, principalmente nas novas famílias.

De imediato se coloca a questão da profunda desigualdade social brasileira. Quem tem condições financeiras contrata serviços privados oferecidos majoritariamente pelas mulheres pobres. Quem não tem, depende dos serviços públicos precarizados e insuficientes frente às necessidades, como é o caso das creches e pré-escolas, preferencialmente de período integral.

Esta situação é responsável pelo forte crescimento entre as jovens pobres daquelas que não estudam e não trabalham para cuidar de seus filhos, as chamadas “nem-nem”.

Cabe destacar que apenas 18,6% das crianças de 0 a 4 anos de idade se encontram nas duas primeiras camadas, que são aquelas que no Brasil podemos chamar de classe média e que conseguem suportar os gastos com os cuidados privados.

As duas camadas inferiores, de miseráveis e pobres, englobam 42% das crianças. Mesmo na baixa classe média, que mais precisamente podemos denominar de “pobres intermediários” e que soma 39,4%, a grande maioria depende dos serviços públicos.

A Tabela 3 introduz o recorte por raça/cor destas crianças.

Tal qual o conjunto da população, as crianças negras (pretas e pardas) são a maioria em 2021, dentro de uma tendência que já se manifesta anteriormente.

Tabela 3  
Cor/raça das crianças de 0 a 4 anos de idade – 2021  
Brasil

Cor/Raça	Nº (mil)	%
Branca	6.521	44,5
Preta	867	5,9
Amarela	49	0,3
Parda	7.181	49,0
Indígena	37	0,3
Total	14.657	100,0

Fonte: IBGE, PNAD Contínua Anual.

Na Tabela 4 apresentamos a estratificação social das crianças negras e, na Tabela 5, das crianças brancas.

Tabela 4  
Estratificação das crianças negras de 0 a 4 anos de idade – 2021  
Brasil

Estrato social das famílias	Nº (mil)	%
Superior	270	3,5
Médio	627	8,0
Baixo	3.088	39,6
Inferior	2.430	31,2
Ínfimo	1.634	20,9
Total	8.048	103,2

Fonte: IBGE, PNAD Contínua Anual.

Tabela 5  
Estratificação das crianças brancas de 0 a 4 anos de idade – 2021  
Brasil

Estrato social das famílias	Nº (mil)	%
Superior	759	11,6
Médio	1.051	16,1
Baixo	2.656	40,7
Inferior	1.259	19,3
Ínfimo	796	12,2
Total	6.521	100,0

Fonte: IBGE, PNAD Contínua Anual.

Comparando rapidamente estas duas tabelas, observa-se que as crianças negras em famílias dos dois estratos superiores da classe média atingem 11,5% do total de crianças, contra 27,8% das brancas.

Por outro lado, nos dois estratos inferiores (pobres e miseráveis) as crianças negras atingem 52,1% contra 31,5% das brancas.

Nos parece que esses dados falam por si só, refletindo a desigualdade social e racial de nossa sociedade e expondo a séria vulnerabilidade de enorme contingente de crianças negras e brancas. Elas contam apenas com os serviços públicos subfinanciados e que desde o Governo Temer, mas sobretudo com Bolsonaro, foram criminosamente sucateados com o arrocho fiscal nas áreas sociais.

Se elas adoecem, os serviços de saúde geralmente são precários, com filas, demoras no atendimento e eventuais paralizações. Por outro lado, os transportes urbanos são demorados e desconfortáveis dificultando o acesso. Isso, junto com a desmontagem do programa Bolsa Família, estimulou o abandono da vacinação.

Na educação, as escolas públicas são bastante precárias e, em geral, de baixa qualidade, condenando gerações à ignorância, má formação e analfabetismo funcional. O que compromete enormemente seus futuros.

## 2. O envelhecimento populacional

O crescimento do número de idosos, aqui considerados aqueles na faixa etária de 65 anos ou mais, é fruto do aumento na expectativa de vida decorrente dos avanços na medicina e atenção à saúde, em que pese a precariedade dos serviços públicos com a crônica falta de recursos do SUS.

Verifica-se tanto progressos nos medicamentos como nas abordagens terapêuticas e procedimentos operatórios. Doenças que matavam há 20 anos, ou menos ainda, hoje podem ser curadas.

Para ilustrar, basta citar que esse segmento representava 4,3% da população em 1981 (5,1 milhões de pessoas) e passa para 10,2% em 2021 (21,6 milhões).

Na análise deste conjunto de pessoas, ao menos duas dimensões devem ser consideradas: sua estratificação social e seu grau de autonomia.

No que se refere à estratificação social, os dados apresentados na Tabela 6 revelam que em 2021 as famílias das duas camadas superiores da classe média concentram 21,8% dos idosos e as duas camadas pior situadas (pobres e miseráveis), 43,1%.

Tabela 6  
Nível social familiar – Pessoas com 65 anos ou mais – 2021  
Brasil

Estrato social das famílias	Nº (mil)	%
Superior	1.841	8,5
Médio	2.853	13,2
Baixo	7.590	35,2
Inferior	8.738	40,5
Ínfimo	568	2,6
Total	21.590	100,0

Fonte: IBGE, PNAD Contínua Anual.

Esses dados revelam, mais uma vez, a existência de um grande contingente de pessoas vulneráveis, somando 9,3 milhões de idosos em 2021. Aos quais se acrescentam grande parte dos 7,6 milhões de pobres intermediários (baixa classe média).

As mesmas dificuldades que as novas configurações familiares impõem aos cuidados com as crianças, já comentadas no início, também estão presentes entre os idosos. Principalmente para aqueles que vivem sós e os que possuem alguma debilidade física ou intelectual.

Ao contrário de vários países mais desenvolvidos e com Estado de Bem Estar Social, no Brasil essa atenção recai sobretudo sobre as famílias e sobrecarrega as mulheres<sup>5</sup>.

Como sempre, é necessário ter presente a grave questão da desigualdade social que perpassa a sociedade brasileira.

Quem tem renda contrata serviços privados ou particulares, tais como acompanhantes, equipe de cuidadores, clínicas especializadas. Esta demanda crescente tem gerado um expressivo mercado de trabalho para profissionais qualificados<sup>6</sup>, obviamente bastante estratificado em função do poder aquisitivo dos clientes.

Porém, como já comentamos, existe um enorme contingente de idosos socialmente vulneráveis.

É consenso entre os responsáveis do setor que a melhor alternativa de atendimento é a abordagem no âmbito da saúde da família, com equipes de profissionais qualificados. Entretanto, os recursos do SUS são largamente insuficientes para financiar este programa na escala necessária.

Para aqueles com limitações, mas sem suporte familiar, restam o imprevisto e o apoio de empregados baratos.

(5) Cf. Guimarães e Hirata (2019).

(6) Cf. Mercado em Expansão (s.d.)



Os idosos que necessitam de internação, se defrontam com insuficientes casas de saúde e asilos públicos e entidades assistenciais.

Diante dessa carência, nos últimos anos expandiu o número de entidades privadas voltadas à internação de idosos pobres, com renda de um salário mínimo de aposentadoria ou Benefício de Prestação Continuada. Quando não existe monitoramento pelos órgãos competentes, o atendimento frequentemente é precário sendo conhecidas no setor como “depósitos de velhos”.

Outro aspecto importante é que entre os idosos as mulheres são majoritárias, como se verifica na Tabela 7, sendo bastante comuns as viúvas.

Como é sabido, a mortalidade masculina é mais elevada, tanto por razões biológicas como por causas externas.

Nascem mais homens, porém esta superioridade inicial vai se invertendo ao longo da vida. Um fenômeno alarmante entre nós é a mortalidade juvenil, predominantemente masculina e afetando sobretudo os jovens pobres e negros das periferias. As principais causas são os acidentes de carros e motos, suicídios e homicídios.

Por outro lado, uma expressiva parcela dos homens adultos desempenha funções com maior risco de acidentes, além de habitualmente não procurar acompanhamento médico, ao contrário das mulheres.

Uma observação relevante é que as mulheres têm um padrão de sociabilização superior ao dos homens, o que ajuda na velhice e viuvez. Para ambos os sexos as comunidades religiosas normalmente estimulam a integração social e convivência. São frequentes as excursões, romarias, visitas a templos, igrejas e outras atividades recreativas.

Os clubes e cursos para a chamada terceira idade vão na mesma direção.

Tabela 7  
Nível social familiar – 65 anos ou mais – sexo – 2021  
Brasil

Estrato Social	Feminino		Masculino	
	Nº (mil)	%	Nº (mil)	%
Superior	985	8,0	855	9,2
Médio	1.590	12,9	1.263	13,6
Baixo	4.372	35,6	3.217	34,6
Inferior	5.031	40,9	3.708	39,9
Ínfimo	316	2,6	253	2,7
Total	12.294	100,0	9.297	100,0

Fonte: IBGE, PNAD Contínua Anual.

Por fim, o perfil dos idosos se completa incorporando a dimensão da cor/raça, como se apresenta na Tabela 8. Chama a atenção o predomínio dos brancos, ao contrário do que se verifica no conjunto da população, como resultado da maior mortalidade entre os negros.

Tabela 8  
Nível social familiar – 65 anos ou mais – raça/cor – 2021  
Brasil

Raça/Cor	Nº (mil)	%
Branca	11.443	53,0
Preta	1.768	8,2
Amarela	180	0,8
Parda	8.119	37,6
Indígena	78	0,4
Ignorado	2	0,0
Total	21.590	100,0

Fonte: IBGE, PNAD Contínua Anual.

Retomando a questão da autonomia é importante observar que existe em 2021 um grupo expressivo de 2,6 milhões de idosos ocupados (12% do total) e que, portanto, podem ser considerados com capacidade física e mental. Também podem ser incluídos nesta mesma condição outros 100 mil que estão procurando ocupação.

Observamos na Tabela 9 que uma expressiva proporção de 41% dos idosos ocupados encontra-se nas duas camadas superiores da classe média. Ou seja, aqueles que potencialmente possuem melhor qualificação e rede de relacionamentos.

Apenas 15% dos idosos ocupados são pobres ou miseráveis. Ou seja, enorme parcela destas camadas sociais depende de aposentadorias, auxílios de familiares ou da assistência social pública e do terceiro setor.

Tabela 9  
Nível social familiar – 65 anos ou mais – ocupados – 2021  
Brasil

Estrato Social	Nº (mil)	%
Superior	517	20,0
Médio	538	20,8
Baixo	1.142	44,1
Inferior	336	13,0
Ínfimo	57	2,2
Total	2.590	100,0

Fonte: IBGE, PNAD Contínua Anual.

Avançando na análise, apresenta-se na Tabela 10 um importante contingente de idosos que se encontra na situação de “Sem ocupação com renda”, ou seja, não estão ocupados, mas recebem algum rendimento, fundamentalmente de aposentadorias ou pensões.

Em 2021 eles atingem 14 milhões de pessoas, representando 65% do total de idosos (22 milhões).

Como estamos trabalhando com a estratificação familiar, este grupo engloba os idosos que são o membro melhor remunerado das suas famílias.

Por outro lado, apenas 16% deles encontram-se nas duas camadas superiores da classe média (2,3 milhões) e 55% (7,7 milhões) entre os pobres e miseráveis, revelando assim, mais uma vez, a enorme vulnerabilidade social deste segmento.

Por outro lado, fica evidente a importância do aumento do Salário Mínimo acima da inflação, já que é ele que corrige as aposentadorias e o Benefício de Prestação Continuada – BPC.

Além de merecerem mais atenção de familiares, podem pagar asilos e casas de saúde populares, ainda que geralmente precárias, já que os serviços públicos são insuficientes.

Tabela 10  
Nível social familiar – 65 anos ou mais sem ocupação com renda – 2021  
Brasil

Estrato Social	Nº (mil)	%
Superior	797	5,7
Médio	1.477	10,6
Baixo	3.982	28,5
Inferior	7.621	54,5
Ínfimo	120	0,9
Total	13.997	100,0

Fonte: IBGE, PNAD Contínua Anual.

### 3. A Mobilidade Social

No tocante à mobilidade social é importante observar o que aconteceu no período recente de progresso social que, grosso modo, vai de 2004 a 2014, tal como se apresenta na Tabela 11.

De imediato, chama a atenção a enorme redução da camada de miseráveis, que passa de 27,2% em 2004 para apenas 1,1% em 2014, reforçando a observação anterior do significado da elevação do salário mínimo acima da inflação.

Uma parcela destes miseráveis sobe para a condição de pobres, que passam de 27% para 35%.

Nas duas camadas superiores da classe média a evolução é de 17% para 26%, demonstrando que, embora o dinamismo maior ocorreu entre as camadas populares, todos foram beneficiados neste período de crescimento mais expressivo e progresso social.

Tabela 11  
Nível social familiar – Pessoas com 65 anos ou mais  
Brasil

Estrato Social	2004		2014	
	Nº (mil)	%	Nº (mil)	%
Superior	885	7,3	2.079	11,1
Médio	1.194	9,8	2.718	14,6
Baixo	3.142	25,7	7.204	38,6
Inferior	3.291	27,0	6.474	34,7
Ínfimo	3.317	27,2	204	1,1
Ignorado	379	3,1		
Total	12.207	100,0	18.680	100,0

Fonte: IBGE, PNAD Anual (2004) e PNAD Contínua Anual (2014).

Entre as famílias das crianças o progresso no período também é muito expressivo, como se observa na Tabela 12. Entretanto, a estratificação social das famílias das crianças revela um perfil inferior ao dos idosos, refletindo o fato de que são formadas por pessoas mais novas, e muitos em início de carreira profissional.

Tabela 12  
Nível social familiar – Pessoas com 0 a 4 anos  
Brasil

Estrato Social	2004		2014	
	Nº (mil)	%	Nº (mil)	%
Superior	561	3,7	1.095	8,4
Médio	937	6,2	1.652	12,7
Baixo	3.629	24,0	6.103	46,7
Inferior	4.628	30,6	3.010	23,1
Ínfimo	5.160	34,2	1.200	9,2
Ignorado	195	1,3		
Total	15.110	100,0	13.060	100,0

Fonte: IBGE, PNAD Anual (2004) e PNAD Contínua Anual (2014).

Para concluir, vamos examinar o impacto da crise que se inicia em 2015 e perdura até hoje.

A Tabela 13 apresenta os dados dos idosos. Como se observa, em 2021 as duas camadas superiores da classe média apresentam proporções inferiores àsquelas de 2015, caindo de 26% para 22%. Por sua vez, expandem-se as duas camadas inferiores, passando de 36% para 43%.

Tabela 13  
Nível social familiar – Pessoas com 65 anos ou mais  
Brasil

Estrato Social	2015		2021	
	Nº (mil)	%	Nº (mil)	%
Superior	2.053	10,7	1.841	8,5
Médio	2.936	15,2	2.853	13,2
Baixo	7.360	38,2	7.590	35,2
Inferior	6.701	34,8	8.738	40,5
Ínfimo	220	1,1	568	2,6
Total	19.269	100,0	21.590	100,0

Fonte: IBGE, PNAD Contínua Anual.

Na Tabela 14 encontramos os mesmos dados para as crianças. Aquelas que se encontram em famílias das duas camadas superiores caem de 21% para 19%, e nas duas camadas inferiores sobem de 34% para 42%.

Tabela 14  
Nível social familiar – Pessoas com 0 a 4 anos  
Brasil

Estrato Social	2015		2021	
	Nº (mil)	%	Nº (mil)	%
Superior	1.019	7,8	1.039	7,1
Médio	1.731	13,3	1.682	11,5
Baixo	5.835	44,7	5.776	39,4
Inferior	3.096	23,7	3.712	25,3
Ínfimo	1.364	10,5	2.448	16,7
Total	13.046	100,0	14.657	100,0

Fonte: IBGE, PNAD Contínua Anual.

#### 4. A Título de Conclusão

As crianças, o futuro; os idosos, o presente.

Em nossa sociedade as crianças são culturalmente valorizadas; até mesmo com exagerada atenção por parte do marketing e consumo.

Já os idosos são tratados sem maior respeito e como um peso descartável. Os cuidados, quando existentes, em geral são restritos à saúde física e mental.

Seria possível mudar essa mentalidade, caminhando para uma postura mais civilizada, já que nas várias crenças e culturas bastante influentes entre nós, a compreensão é totalmente distinta, entendendo os Idosos como detentores de sabedoria?

Para o Papa Francisco, “Os idosos são a memória e a sabedoria dos povos”. E ainda, “Uma família que não respeita e não cuida de seus avós, que são a sua memória viva, é uma família desintegrada; ao contrário, uma família que recorda é uma família que tem futuro”<sup>7</sup>.

Entre os evangélicos, “A primeira grande bênção do período da velhice é a maturidade, sobretudo quando se floresce plantado na Casa do Senhor (Sl 92.13,14). Duas figuras de linguagem dão a dimensão exata do que isso representa: a palmeira e o cedro. Em ambas vemos a lição de utilidade, perenidade, firmeza e robustez. São assim os que envelhecem seguindo os princípios ditados por Deus: têm raízes profundas, que suportam os ventos da tempestade, são longevos, robustos e de presença acolhedora”.

Continuando, “A terceira idade é um período de maturidade, colheita e compartilhamento da graça e bondade de Deus”<sup>8</sup>.

Nas religiões de matriz africana a velhice também é muito valorizada. “A Ancestralidade foi a maior referência para as comunidades de terreiro, o que reafirmou a importância dos idosos, como pessoas dignas do máximo respeito e exemplos da longevidade que enfrentam o racismo e a vulnerabilidade social a que a população negra é submetida no Brasil”<sup>9</sup>.

O mesmo se passa na cultura indígena: “Na maior parte das sociedades indígenas a transmissão dos elementos culturais como a mitologia, os rituais e os costumes é feita oralmente e são os idosos que desempenham essa função fundamental para a sobrevivência dos povos”<sup>10</sup>.

Continuando, “Em síntese, na cultura indígena existe uma cooperação do grupo no qual considera o idoso como a pessoa arguta e detentora do saber cultural, sendo aquele que guarda os segredos e artimanhas da tribo”. “Cumprir destacar ainda que a função social dos idosos junto às tribos indígenas é buscar um envelhecer sadio e repleto de sentido, sendo um momento no qual predomina uma atitude contemplativa com a vida, sem ser algo estático, e sim numa perspectiva reflexiva”<sup>11</sup>.

Então, se esses são os valores dominantes, cabe a pergunta: como mudar a cultura de desprezo vigente entre nós?

Antes de pensarmos nas necessárias medidas pontuais, é importante ter presente o profundo processo de desestruturação que se abateu sobre a sociedade brasileira desde o início dos anos oitenta, quando o país perdeu o rumo do desenvolvimento que nos moveu desde os anos trinta.

Para termos uma ideia aproximada do que se passou, é útil termos presente o profundo impacto da pandemia em 2020 e 2021, que “massacraram” as pessoas e suas famílias. A crise econômica e social que se instala no início dos anos oitenta, faz o mesmo com a sociedade, só que de forma contínua e progressiva. E para essa crise estrutural não tivemos vacina.

---

(7) No livro: Papa Francisco... (2017).

(8) Cf. publicação da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Joinville (IEADJO), disponível em: <http://ieadjo.com/materias/promessa-de-uma-velhice-feliz-e-frutifera>. 19 nov. 2013.

(9) Cf. Farias, Crosseti, Góes e Portella (2016, p. 639).

(10) Cf. Anciões... (2002).

(11) Cf. Santiago, Oliveira, Rodrigues, Alexandre e Ramos (2013).

Assim, é urgente retomar o desenvolvimento econômico nas bases tecnológicas, industriais e ambientais contemporâneas, gerando emprego e renda de forma a possibilitar um horizonte para as pessoas, particularmente aos jovens.

Só desta forma seria possível criar um ambiente propício ao florescimento de condutas mais civilizadas em geral e em relação aos idosos.

No que diz respeito a medidas pontuais, é fundamental um esforço sistemático e abrangente na Educação, pois as crianças de hoje serão os novos adultos, além de influenciarem suas famílias.

Igualmente fundamentais são as Artes, como teatro, cinema, tv, música etc., que difundem valores. Com a devida atenção à Literatura.

Ou seja, em todos os campos do conhecimento urge trabalhar de forma sistemática os valores cívicos e éticos que podem inspirar nossa sociedade em direção a relacionamentos mais avançados.

Por fim, é urgente a estruturação de uma específica política pública de convivência e lazer para os idosos, abrangendo clubes e parques públicos, atividades orientadas físicas, lúdicas, educacionais, culturais e outras.

Experiências bem sucedidas promovem atividades de idosos com crianças, propiciando uma enriquecedora interação de duas mãos.

### **Bibliografia citada**

ANCIÕES Transmitem Cultura Indígena. Campinas: Unicamp / Labjor, 2002. Disponível em: <http://www.comciencia.br>.

BERQUÓ, Elza. Brasil em transição demográfica. *Revista FAPESP*, São Paulo, fev. 2012. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/brasil-em-transi%C3%A7%C3%A3o-demogr%C3%A1fica/>.

DEBERT, G. G.; PULHEZ, M. M. (Org.). *Desafios do cuidado: gênero, velhice e deficiência*. Campinas: Unicamp. IFCH, 2019.

FARIAS, K. P.; CROSSETI, M. G. O.; GÓES, M. G. O.; PORTELLA, V. C. Práticas em saúde: ótica do idoso negro em uma comunidade de terreiro. *REBEn – Revista Brasileira de Enfermagem*, 2016. p. 639. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2016690403i>.

GUIMARÃES, N. A.; HIRATA, H. *O gênero do cuidado*. Desigualdades, significações e identidades. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

IEADJO – Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Joinville. *A promessa de uma velhice feliz e frutífera*. Disponível em: <http://ieadjo.com/materias/promessa-de-uma-velhice-feliz-e-frutifera>. 19 nov. 2013.

LEONE, E. T.; GORI MAIA, A.; BALTAR, P. E. Mudanças na composição das famílias e impactos sobre a redução da pobreza no Brasil. *Economia e Sociedade*, Campinas, 2010, <https://doi.org/10.1590/S0104-06182010000100003>.

PAPA FRANCISCO – Quem sou eu para julgar? – O perdão e a tolerância como caminhos para a paz e a harmonia de cada um de nós e de todo o mundo. [reunido e editado por Anna Maria Foli; tradução Clara A. Coloto]. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Editora LeYa, 2017.

MERCADO EM EXPANSÃO. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/mercado-em-expansão/>.

MILLS, C. Wright. *A Nova Classe Média (White Collar)*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

SANTIAGO, T. R. S.; OLIVEIRA, J. O. D.; RODRIGUES, J. N.; ALEXANDRE, M. E. S.; RAMOS, O. C. *Entre tribos e costumes*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO, 3, Campina Grande, PB, 2013.